Olá, ouvintes. Bem-vindos ao primeiro episódio do “Ascensão e Queda”, o podcast que recupera e analisa a cobertura da imprensa do dia da ascensão e do dia da queda do poder de líderes políticos que marcaram a história recente da humanidade. Chamo-me Guilherme Oliveira e faço este podcast com o meu bom amigo Mehmet Kutluay, o locutor da versão inglesa intitulada “Rise and Fall”.

Para começar este podcast, vamos começar com a cobertura do New York Times no dia da ascensão e no dia da queda de Muammar Qaddafi, o líder da Líbia por mais de quatro décadas. Muammar Qaddafi foi uma figura controversa que agitou o mundo Árabe, o mundo Ocidental e África em diferentes fases da sua vida. Esta flexibilidade manifesta-se no seu currículo: chegou ao poder num golpe de estado sem sangue; uma guerra com o Chade que viu o aparecimento de jipes Toyota no campo de batalha; o apoio financeiro e logístico a organizações terroristas que desencadearam actos contra Israel e o atentado de Lockerbee; a cooperação com os EUA na guerra contra o terrorismo após o 11 de Setembro; a transformação da Líbia de uma monarquia teocrática medieval para um país com bolsas significativas de desenvolvimento; o esmagar de qualquer dissidência interna, incluindo o massacre de prisioneiros numa revolta nos anos 90; alegado financiamento a universidades e políticos europeus; a reacção violenta e sangrenta à chegada da Primavera Árabe ao seu país. Para muitos, Qaddafi era um líder vaidoso que tudo fazia para chamar atenção e para colocar a Líbia ao nível mediático das superpotências mundiais. Para outros, era um bravo lutador contra o domínio ocidental e contra a criação do Estado de Israel. Ou seja, é difícil encontrar uma personagem mais apaixonante para começar este podcast.

A escolha do New York Times prende-se com razões técnicas. Primeiro, o outro autor do podcast não fala português. Segundo, parte da análise aos artigos é feita com software que está optimizado para textos em inglês. Terceiro, o New York Times tem todos os seus artigos disponíveis em formato PDF no seu sítio de internet a um preço muito acessível. Por último, o New York Times é uma publicação de referência num país que, durante a vida de Qaddafi, foi sempre uma democracia sem qualquer tipo de censura estatal. É certo que a cobertura pode nem sempre ter sido a mais isenta, dada a animosidade entre os EUA e Qaddafi na esmagadora maioria do mandato de Qaddafi. Todavia, a natureza e a evolução da cobertura são precisamente os objectos de estudo deste podcast. Não se procura aqui encontrar um julgamento justo de Qaddafi. Procura-se antes as características da análise feita de quando ele chegou ao poder a 1 de Setembro de 1969, e a certidão de óbito no dia da sua morte, 20 de Outubro de 2011.

Add profit to news coverage affecting the overall coverage.

Eu e o Mehmet decidimos dividir a análise em três secções. Na primeira secção, analisamos e comparamos os artigos quanto a aspectos técnicos da notícia, como o número de palavras, o tom da notícia ou o uso de discurso directo e indirecto. A segunda secção prende-se com a cobertura de temas políticos e económicos em cada uma das notícias. A derradeira secção é uma colecção de curiosidades que não se encaixam perfeitamente nas duas primeiras secções. Uma coisa é certa: decidimos não oferecer um veredicto sobre a qualidade das notícias ou sobre uma possível melhoria ou degradação da cobertura jornalística. Pensamos que qualquer julgamento é demasiado subjectivo. Portanto, nada como deixar esse tipo de discussão para a secção de comentários. Também sintam-se à vontade de nos contactar via e-mail. Faremos tudo para melhorar os próximos episódios e aceitamos, também, sugestões doutros líderes políticos.

Comecemos então a secção sobre o lado técnico da notícia. O primeiro artigo do New York Times sobre o golpe de estado que levou Qaddafi a 1 de Setembro de 1969 veio na edição de 2 de Setembro de 1969. Muito provavelmente, esse hiato explica-se pelas peculiaridades do mundo antes da internet. O segundo artigo foi publicado no mesmo dia do falecimento de Qaddafi nas mãos de uma turba, 20 de Outubro de 2011.

A notícia de 1969 não inclui o nome dos autores da notícia, ao passo que a notícia de 2011 tem o nome dos três autores. Provavelmente, trata-se de outra diferença causada pelo advento da internet. Por exemplo, há mais espaço para incluir mais informação.

O tom de cada notícia foi um aspecto da análise feita por mim e pelo Mehmet. À primeira vista, algumas passagens da notícia de 1969 são um tanto ou pouco condescendentes. Por exemplo, o artigo afirma (a tradução é minha): “Observadores acreditam que os novos líderes poderão ter dificuldade em encontrar maneira de acusar a monarquia. O Rei Idris outros membros da família real têm vivido de modo relativamente modesto e são conhecidos por ter evitado corrupção.” Na primeira frase, os jornalistas claramente apoiam-se em comentários genéricos de observadores anónimos para julgar se é possível julgar a família real. Na segunda frase, afirmam algo que contradiz as impressões de observadores contemporâneos, documentadas, por exemplo, no artigo da Wikipedia sobre o Rei Idris, sobre a rede de favores e corrupção generalizada protagonizada pela família real.

No caso da notícia de 2011, grassa o sensacionalismo. As últimas palavras de Qaddafi são discutidas pelo menos 2 vezes. Este facto também ilustra a constante repetição de informações ao longo do texto: duas referências sem informação adicional ao futuro de Assad na Síria; repetidas referências a testemunhos e opiniões sobre a possível causa de morte, incluindo a opinião baseada em vídeos e fotografias de um médico radicado em Nova Iorque. O artigo também é marcado pelas chamadas *buzzwords* da internet, como “viral” ou “twittoesfera”.

Também nos socorremos da estatística para analisarmos o tom das notícias de uma maneira tão quantitativa quanto o possível. Sem contar com os títulos e os subtítulos, os artigos de 1969 e 2011, respectivamente, contêm 881 e 1474 palavras. O tamanho absoluto das notícias provavelmente, uma vez mais, reflecte a queda do custo de cada palavra provocada pela internet. À primeira vista, o artigo de 1969 parece discutir mais a geopolítica do mundo árabe do que o artigo de 2011. De facto, cerca de 49% das palavras em 1969 foram para uma descrição de factos básicos da geopolítica local, ao passo que somente 20% das palavras do artigo de 2011 se dedicam a esse tópico. Também à primeira vista, o artigo de 2011 parece usar muito mais discurso directo e indirecto do que o artigo de 1969. De facto, o artigo de 1969 não contém sequer discurso directo, e o discurso indirecto consome cerca de 20% das palavras do artigo. Em 2011, os discursos directo e indirecto reclamam mais de 50% das palavras. Por fim, usámos um pacote do software Python para analisar o tom genérico dos textos de acordo com o tom de cada palavra, a maneira como são combinadas umas com as outras e com a pontuação do texto. No global, os dois textos são neutros. Todavia, o texto de 2011 tem mais evidência de tons negativos e tons positivos no texto. No global, estes resultados podem, possivelmente, ser explicados pela fama e o magnetismo de Qaddafi, que colocou a Líbia no mapa geopolítico mundial e que tanto ódio gerou nos EUA. Ao passo que em 1969, a Líbia era mais um estado no cruzamento do Médio Oriente e de África, em 2011 era o país de Qaddafi, um opositor ao Ocidente e apoiante de acções terroristas. O facto de o golpe de 1969 ter sido absolutamente pacífico ao mesmo tempo que o queda de Qaddafi processou-se por uma guerra civil é outro factor com potencial para explicar diferenças entre os tons das notícias. Também como foi referido anteriormente, a internet baixou o custo da palavra e acelerou o mundo: um jornalista em 1969 tinha pelo menos um dia ou dois para escrever um artigo compacto, numa época que a verificação de muitos factos requeria uma ida à biblioteca; em 2011, o jornalista tem de competir para ser o primeiro a cobrir todos os eventos, com muito conteúdo disponível online e com muito conteúdo produzido por uma miríade de actores. Uma vez mais, este podcast deseja por as cartas na mesa mais do que chegar a um veredicto: por isso, convidamos ao debate na caixa de comentários.